

DIÁRIO DE S. PAULO



Fotos: Daniela Souza / Diário SP

Trecho da Rua Ponche Verde que era asfaltado foi quebrado durante a construção de um muro no córrego, mas não foi consertado

Vizinhos pedem limpeza e mais obras em córrego

Durante construção de muro para evitar erosões do Guaiaúna, em Cidade Líder, a Prefeitura quebrou o asfalto e a calçada. Curso d'água também está cheio de mato, lixo e entulho



Thais Saraiva
Especial para o DIÁRIO

Não são poucos os problemas que beiraram o Córrego Guaiaúna, em Cidade Líder, na Zona Leste. Em julho de 2011, a Subprefeitura de Itaquera construiu um muro de gabião na margem do curso d'água para evitar erosões, mas para os moradores da Rua Ponche Verde o trabalho foi feito pela metade. Ontem, a Operação Bairro a Bairro do DIÁRIO esteve no local e constatou que partes do novo muro já se romperam e a calçada e a mureta de proteção que existiam antes da obra não foram reconstruídas. Nem mesmo o asfalto quebrou durante a obra foi consertado.

"Deveriam ter feito um muro de proteção em toda a margem. Ainda não caiu nenhuma criança, mas está perigoso", afirmou Eduardo Ananias, pintor que mora há 32 anos no bairro. Ele disse que muitas crianças brincam perto do local. "Vão esperar cair alguém para fazer o muro?", questionou.

De acordo com os moradores, o córrego também continua transbordando e invadindo a via. "Fizeram o negócio mal feito, a rua continua quebrada e quando chove enche de água. Poderiam ter terminado", afirmou a dona de casa Margarida Maria da Silva.

Outro problema é a sujeira e o mato. Nas margens do Guaiaúna próximo à Rua Pero Vaz de Caminha há diversos sofás velhos jogados.

Segundo a população, a grande quantidade de mato, lixo e entulho atrai insetos, ratos e até cobras. "Já encontramos até um cadáver aqui. A subprefeitura só limpa quando está próximo da eleição. O mato está tão alto que dá medo de passar por ali à noite", disse a dona de casa Mércia Daltro.

Para o aposentado Sergio Santoni, a única solução é a canalização do curso d'água. "Fizeram o muro de gabião em só uma parte. O que precisa mesmo é que seja canalizado, mas já faz tempo que ouvimos só promessas", reclamou.

Até o fechamento desta edição, a Subprefeitura de Itaquera não havia se manifestado sobre os problemas.



Por causa do mato, a dona de casa Mércia tem medo de passar no local à noite

Por onde a redação móvel já passou



Último distrito visitado
Cidade Líder - 59 km
3.313,5 km
percorridos pelo carro do DIÁRIO até agora

Próximo distrito:
Segunda-feira, Raposo Tavares

93 distritos visitados

São Paulo possui 96 distritos



Vários sofás estão na beira do curso d'água



Lâmpada de rua está há seis meses queimada

Um lâmpada queimada na altura do número 799 da Rua Ponche Verde expõe os moradores a riscos de assaltos. "Há seis meses que a lâmpada está queimada. Já fiz várias solicitações ao Ilume (Departamento de Iluminação Pública), mas acabou desistindo", disse a dona de casa Maria da Conceição Rodrigues Cirino. De acordo com a Secretaria Municipal de Serviços, o Ilume vai encaminhar uma equipe de manutenção ao local para averiguar o problema e realizar os reparos. Além disso, o Ilume informou que vai analisar os pedidos para a rua feitos através no Ligue Ilume. Caso constatadas falhas no atendimento, os responsáveis serão notificados.

Separação do lixo reciclável do orgânico

Todos concordam que se deve separar o lixo orgânico e do reciclável, mas apenas 1% das famílias fazem isso. Basta olhar nos lixos domiciliares nos dias de coleta, vocês ficariam pasmos! Eu faço parte deste 1% que separa todo material reciclável. Jundiaí, por sua vez, possui um bom serviço com o Armazém da Natureza, porém, desde novembro, eles passam batido e não recolhem. De que adiantou eu perder meu tempo para separar o lixo e depois ir tudo para o mesmo lugar? Das duas uma, ou estou remando contra a maré ou os coletores não veem a hora de encerrar o expediente e voltar para casa. Uma pena, em vez de incentivar os outros, desestimula quem já separa o material reciclável do lixo comum.

— Vanderlei Campos, Jundiaí (SP)

Catadores viram pedreiros e reciclagem de lixo cai



■ Givanildo Silva Santos, 31 anos, começou a catar material reciclável aos sete anos com o pai; depois de 22 anos nessa vida, buscou qualificação profissional e hoje trabalha como armador na construção civil

Armador buscou mercado formal

Givanildo Silva Santos, 31 anos, conhece desde os sete anos as dificuldades de ser catador de material reciclável. "Em 1987 eu já ia para rua com meu pai", conta. Foram 22 anos revirando lixo pela cidade, atrás do papelão e

de material reciclável.

Em 2009, a vida dele mudou. "Tive de fazer uma cirurgia de hérnia de tanto peso que carreguel. Foi a hora que precisei de assistência e vi que não tinha, porque catador que se machuca prati-

Recuperado, não quis mais saber de reciclagem. Buscou qualificação para se inserir no mercado formal e desde 2010 trabalha como armador (responsável pelas ferragens) na construção civil.

"Na época, o salário não

com os benefícios todos, compensou muito. Tem catador que trabalha a vida inteira e não consegue se aposentar por tempo de serviço. É uma burocracia enorme", afirma Santos, que atualmente tira mais de R\$ 1.000

Com aquecimento da economia, setores como a construção civil roubam vagas de centrais de reciclagem

A economia aquecida tem sido um dos principais vilões das cooperativas de reciclagem em São Paulo. Com o aumento da oferta de empregos nos últimos anos, catadores estão trocando a coleta por trabalhos mais rentáveis e estáveis, como na construção civil. O resultado da fuga de mão de obra é a queda na produção de material reciclado acima de 30% em centrais de triagem da capital.

É o caso da Cooperativa Sem Fronteira, no Jaçanã (zona norte), onde a produção mensal de lixo reciclado caiu de 97

toneladas em 2010 para 66,5 toneladas em 2011. "O pessoal opta por trabalhar com registro [em carteira]. É difícil competir", conta Flávio Leandro de Souza, 29 anos, há oito anos na cooperativa.

A consequência foi a redução no faturamento bruto da cooperativa, de R\$ 39 mil mensais em 2010 para R\$ 26 mil no ano passado. No período, o número de cooperados caiu de 55 para 30.

O mesmo problema dos catadores tem sido a construção civil, que abriu mais de 222 mil novas vagas em 2011. "Algumas pessoas não só da reciclagem, como moradores de rua, vieram para canteiros de obras", confirma Antonio de Sousa Ramalho, presidente do Sinfracon (Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de São Paulo).

Na Cooperativa Nova Conquista, no Itaim Paulista (zona leste), o presidente Aramis Pincerno, 54 anos, conta que perde cooperado para a obra do estádio do Corinthians, na vizinha Itaquera. "Diminuiu principalmente mão de obra masculina. Hoje, 95% dos cooperados são mulheres", afirma Pincerno.

NOVA VIDA

Algumas pessoas, não só da reciclagem, como moradores de rua, vieram para canteiros de obras

Antonio de Sousa Ramalho, presidente do sindicato dos trabalhadores da construção civil

A maior dificuldade é disputar co-

os benefícios de um emprego com carteira assinada. O cooperado recebe em média R\$ 800 por mês, não tem 13º salário nem fundo de garantia e conta com apenas 15 dias de férias.

Cinco das oito cooperativas procuradas pelo **Agora** registraram queda na produção por falta de mão de obra. A prefeitura diz, porém, que material coletado aumentou 38% em um ano. (Foto: L)

Coleta aumentou na cidade, diz prefeitura

Responsável pelo Programa de Coleta Seletiva na capital, a Secretaria Municipal dos Serviços afirma que o material coletado diariamente aumentou 38% no ano passado, passando de 155 toneladas diárias em 2010 para 214 toneladas.

A secretária informou que

"estimula a geração de emprego e renda" e "fomenta a formação de cooperativas e associações de catadores". A pasta destaca que gasta por mês R\$ 1,6 milhão com custos das cooperativas, como caminhões com motoristas, equipamentos de trabalho e consumo de energia. (F1)

Especialista defende estímulos ao setor

O trabalho de catador é visto como um subemprego, na opinião do presidente do Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental, Carlos Bocuhy, que cobra mais estímulo público para o setor.

"Esses cooperados deveriam ter uma remuneração à altura da relevância social de

seus trabalhos", diz Bocuhy.

Para Davi Amorim, do Movimento Nacional dos Catadores, uma solução seria os governos pagarem as cooperativas pela coleta. "Não dá para depender só do material vendido, porque os preços caíram até 62% por causa da crise mundial." (F1)

Cooperativa teve que dispensar caminhões



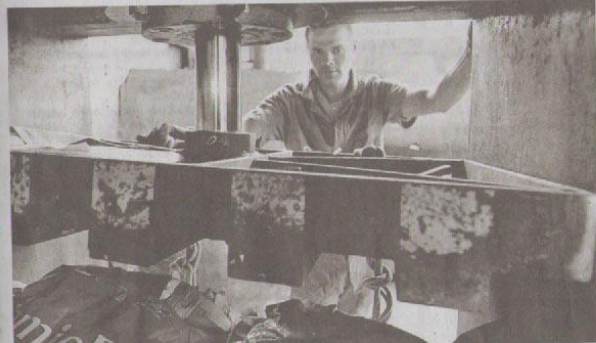
■ A presidente da Cooperpac, Valquíria Cândido da Silva, tem dez cooperados a menos neste ano

Após perder dez cooperados no último ano, a Cooperpac, que fica no Grajaú (zona sul), teve de dispensar os caminhões de coleta seletiva por não dar conta do fluxo de triagem e não ter espaço para estocar o material.

"Antes a gente recebia um caminhão de dia e outro à noite. Agora, a gente recebe um a cada dois dias", relata Valquíria Cândido da Silva,

37 anos, presidente da cooperativa, há cinco anos trabalhando no setor.

Em janeiro, caminhões Ecourbis, por exemplo, foram "recusados" por cooperativas por falta de espaço. O resultado é que o lixo que pode ser reciclado vai para o aterro junto com o orgânico. "Não posso receber, senão já até bicho e eu sou multada", diz Valquíria.



■ Rafael Aparecido dos Santos, 27 anos, ficou oito anos preso por assalto; ele afirma que a única oportunidade que encontrou foi em cooperativa na zona sul

Ex-detentos preenchem as vagas

Para driblar a falta de mão de obra, cooperativas estão recrutando ex-detentos, como Rafael Aparecido dos Santos, 27 anos.

Ele ficou oito anos preso por assalto a mão armada e só conseguiu arrumar emprego na Cooperpac, no Grajaú (zona sul), em 2011, seis meses após sair da prisão.

"Muitas portas se fecharam por causa da minha ficha e a única oportunidade que encontrei foi aqui", conta. (F1)

Orçamento para limpeza em SP sobe R\$ 200 mi

METRÓPOLE / PÁG. C5

Limpeza

Kassab define aumento de 28% na verba para varrição
Pág. C5

Varrição: aumento de 28% na verba

Kassab determinou acréscimo de R\$ 200 milhões à parte do orçamento destinada às empresas responsáveis pela limpeza das ruas

Diego Zanchetta

O prefeito Gilberto Kassab (PSD) turbinou com mais R\$ 200 milhões o orçamento para a limpeza das ruas de São Paulo em 2012. O volume de recursos representa acréscimo de

28% sobre a verba anual destinada às novas empresas que assumiram a varrição em dezembro. Kassab pode usar o novo aporte, a maior parte remanejada de obras para melhorias em bairros, tanto nos contratos da coleta do lixo quanto nos da limpeza das calçadas.

Os contratos da varrição e da coleta somam um total de R\$ 1,8 bilhão que Kassab vai ter para investir na limpeza em 2012, 25% a mais do que no ano passado. A medida, publicada no *Diário Oficial da Cidade* de sábado, reforça mais uma vez que deixar a cidade mais limpa virou um dos maiores trunfos do prefeito na tentativa de reverter sua má avaliação entre a população, antes da corrida eleitoral deste ano, na qual



HELVYTO ROMERO/AE - 18/12/2011

Novo contrato. Crédito pode aumentar o número de garis

tenta compor uma aliança entre o seu PSD e o PT do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nos primeiros 30 dias, desde que as

PARA ENTENDER

Nos seis primeiros anos de gestão Kassab, as reclamações sobre os serviços de limpeza da Prefeitura sempre estiveram entre as cinco principais queixas nos rankings do serviço 156 e da Ouvidoria do Município. A coleta seletiva também pouco avançou e o descarte irregular de entulho pelas ruas agravou as enchentes.

novas empresas assumiram o serviço de remoção de sujeira das calçadas, em 17 de dezembro, a Prefeitura registrou aumento de 20% no volume coletado pelos varredores, que agora também recolhem os entulhos e restos do lixo da coleta.

Reportagem do *Estado* publicada há duas semanas também mostrou que a limpeza melhorou em bairros da periferia e em avenidas comerciais da região central. Entre os novos serviços realizados pela empresas de varrição desde dezembro está o uso de caminhões-pipa, que lavam as calçadas logo após a varrição. A melhora é visível principalmente no centro. Outra novidade é a varrição aos domingos, que não existia antes.

Com os R\$ 200 milhões de crédito adicional para a limpeza, a Prefeitura poderá solicitar a contratação de mais profissionais.

Mudança. Com as alterações no sistema municipal, agora os varredores passam até dez vezes por dia em ruas perto de estações do metrô e de terminais de ônibus, por exemplo. Os contratos são de R\$ 2,25 bilhões e valem pelos próximos três anos.

noSSa opinião

Sem luz, sem segurança

Faz mais de sete anos que a falta de iluminação em vias públicas lidera a lista das preocupações dos moradores de São Paulo e, no entanto, as autoridades municipais não dão sinal de que pretendem ouvir as queixas da população. Em todos os bairros da cidade, há ruas que ficam dias seguidos às escuras. O mesmo acontece em pontes, túneis e viadutos, que raramente passam um mês inteiro com a iluminação em ordem. As consequências desse problema afetam mais que a circulação por esses trechos. A própria segurança do cidadão é colocada em situação de perigo.

As autoridades responsáveis por essa área alegam que fazem o possível para resolver ou pelo menos diminuir o problema. Segundo o Ilume (Departamento de Iluminação Pública), todos os dias são substituídas quatro centenas de lâmpadas que chegam ao limite de sua vida útil. Informa-se ainda que, mensalmente, são reinstalados 43 quilômetros de cabos de energia elétrica; mais de um quilômetro por dia. Os números impressionam, sem dúvida. Mas acontece que na metrópole paulistana, com mais de 11 milhões de habitantes, o que não falta são números impressionantes.

Na prática, o que se constata é a ineficiência das providências que têm sido tomadas. Se são trocadas 400 lâmpadas por dia, que passem a trocar 600 ou 800, porque as substituições que vêm sendo feitas não estão trazendo luz aos pontos cegos da cidade. Se são reinstalados 43

quilômetros por mês, que se reinstalem 60 quilômetros, 80 quilômetros, porque as reinstalações feitas até aqui estão sendo insuficientes. Falta gente para aumentar o volume do trabalho? Que se faça uma reorganização do pessoal, esvaziando sessões e repartições onde há muita gente trabalhando pouco ou até sem trabalhar. Que se coloque essa turma nas operações de rua do Ilume.

Segundo a Ouvidoria da Prefeitura, foram nada menos que 1.423 reclamações de falta de iluminação entre janeiro e julho do ano passado; mais de 6 por dia. Considerando-se que nem todos insatisfeitos levam suas queixas à Ouvidoria, conclui-se que houve muito mais que essas 1.423 vias com problemas naquele período. A escuridão, como ensinam os policiais há tempos, é um dos fatores que tornam mais fáceis a ação dos assaltantes. Ou seja: além do conforto e movimentação das pessoas, é preciso levar em conta os perigos a que estão expostos os moradores de São Paulo.

Sabe-se também que a ação dos marginais é uma das causas do problema, pois continuam altos os registros de roubos de fios e lâmpadas. Isso significa que, além de reforçar as equipes encarregadas de trocar lâmpadas vencidas e reinstalar cabos, é preciso aumentar o policiamento nos túneis, pontes, viadutos. Muito especialmente, é preciso redobrar a vigilância nos ferros-velhos, onde sabidamente ficam os principais receptores.

Não há clippings de rádios para esta data.